

INCURSÕES NO ESPAÇO IMAGINÁRIO: UMA LEITURA DE *A VIDA ÍNTIMA DE LAURA*, DE CLARICE LISPECTOR.

Mariângela Alonso (Fafibe)

Introdução: uma escrita transgressora

Ao longo de um processo de escrita ficcional, Clarice Lispector criou uma espécie de encontro particular com o público, buscando a cumplicidade do leitor não apenas identificado com a sua obra, mas também com os procedimentos literários que a singularizaram em nossa Literatura.

Suas narrativas obrigam a uma reflexão em torno da linguagem literária e dos mecanismos de representação da realidade, sobretudo, em torno da polissemia existente em seu discurso poético. A inovação, operada por Clarice, organizou-se numa narrativa fragmentada, desinteressada do enredo factual, alicerçada no fluxo de consciência.

Desde sua primeira obra, *Perto do Coração Selvagem* (1944), a escritora despertou um horizonte novo de expectativas para o público brasileiro e em relação à escrita ficcional, provocando impacto na crítica que, àquela altura, não se mostrava pronta para adentrar no complexo universo romanesco construído por seus romances. A publicação do primeiro livro revela uma personalidade literária delineada por sua escrita transgressora.

Antonio Candido, em julho de 1944 no artigo intitulado, com acerto, “No raiar de Clarice Lispector”, destaca a “performance da melhor qualidade” da escritora. Na visão do crítico, a autora:

[...] colocou seriamente o problema do estilo e da expressão. Sobretudo desta. Sentiu que existe uma certa densidade afetiva e intelectual que não é possível exprimir se não procurarmos quebrar os quadros da rotina e criar imagens novas, novos torneios, associações diferentes das comuns e mais fundamente sentidas. A descoberta do cotidiano é uma aventura sempre possível, e o seu milagre, uma transfiguração que abre caminho para mundos novos. (CANDIDO, 1970, p.128).

Assim o texto de Clarice Lispector abre novas perspectivas para o mundo literário. Em suas narrativas, o enredo, bem como os personagens, as referências de tempo e espaço ganham novos significados.

Com essa visão renovadora, o enredo se rarefaz, os personagens são poucos e muitas vezes apresentam-se sem as características exteriores próprias das extensas descrições da ficção tradicional. Por sua vez, o discurso lógico não tem mais sentido com a desrealização do real.

Segundo José Américo Motta Pessanha, “crianças povoam a obra de Clarice Lispector, em convite à desintelectualização: caminho de retorno à realidade viva e autêntica do homem” (1989, p. 187). A exemplo da obra para adultos, os livros infantis de Clarice Lispector tocam em temas ontológicos, recorrendo a questões filosóficas. O aspecto “infantil” prevalece por sua singularidade, de modo que não há em momento algum a perda de qualidade estética ou literária em relação à obra para adultos.

Conforme já observado pela crítica, a autora mantém, na categoria infantil, as discussões a respeito dos mesmos temas, tais como a morte, a procura, o sentido da existência.

O texto infantil clariceano apresenta-se como um espaço repleto de criatividade, propício ao imaginário do leitor mirim. Neste sentido, o presente artigo tem como objetivo discutir alguns aspectos da produção infantil de Clarice Lispector, principalmente no que tange ao espaço imaginário, tomando como ponto de partida a narrativa de *A vida íntima de Laura*.

1 O espaço imaginário: quintal e galinhas

Escrevendo inicialmente a pedido de um de seus filhos, Clarice consegue adentrar o espaço imaginário infantil, na medida em que recria a própria realidade.

Publicado em 1974, *A vida íntima de Laura*, terceiro livro infantil da escritora, reúne um espaço repleto de criatividade, que contribui para a formação leitora, crítica e imaginativa das crianças.

Essa narrativa apresenta-se como uma composição lúdica, ao brincar com a identificação da personagem Laura, numa espécie de jogo de adivinhação com o leitor: “Agora adivinhe quem é Laura. Dou-lhe um beijo na testa se você adivinhar. E duvido que você acerte! Dê três palpites. Viu como é difícil? Pois

Laura é uma galinha” (LISPECTOR, 1999, não paginado). As palavras de Lícia Manzo esclarecem-nos esta questão ao tratar da figura do leitor nas narrativas infantis da autora:

Em suas histórias infantis, Clarice frequentemente solicita seus leitores-mirins a adivinhar coisas, inventar histórias, responder perguntas. E embora a trama de seus livros feitos para crianças seja, invariavelmente, bastante escassa, esse despojamento é compensado pela vivacidade de uma voz que se faz tão íntima, que se torna impossível para o leitor ficar indiferente a seus apelos. (MANZO, 1997, p. 175)

A obra destaca-se por apresentar um enredo descompromissado com uma sequência rígida, de modo que a história de Laura, “[...] uma galinha muito da simples” (LISPECTOR, 1999, não paginado) parece acabar de repente.

O comportamento atarantado e inocente da galinha, bem como sua descrição são apresentados de maneira brincalhona pela autora: “[...] Laura tem o pescoço mais feio que já vi no mundo [...] Laura é bastante burra. [...] Ela pensa que pensa. Mas em geral não pensa em coisa alguma” (LISPECTOR, 1999, não paginado). Desta forma, “sua não-idealização é absoluta”, conforme observado por Vilma Áreas (2005, p. 127).

Logo no início do texto, observamos a aproximação do narrador com o leitor, que se apresenta no seguinte diálogo: “Vou logo explicando o que quer dizer vida íntima. É assim: vida íntima quer dizer que a gente não deve contar a todo mundo o que se passa na casa da gente. São coisas que não se dizem a qualquer pessoa” (LISPECTOR, 1999, não paginado).

A autora estabelece, portanto, uma cumplicidade com seus interlocutores, deixando transparecer a subjetividade que constitui um dos traços marcantes presentes em sua obra. Na visão de Nádia Battella Gotlib, a narrativa “[...] centra sua atenção inicial justamente naquilo que não é socializável, comunicável, narrável: a intimidade” (1995, p. 413).

Nessa história de intimidade e de família, desfilam diversos personagens de modo a revelar o cotidiano dos galos e galinhas presentes ao quintal de D. Luisa. Assim, o quintal surge como um grande espaço que abriga a imaginação — os devaneios do ser.

Segundo Gaston Bachelard em *A poética do espaço*, a topoanálise é o estudo psicológico e sistemático dos locais da vida íntima.

A noção de casa é apresentada por Bachelard como sendo vivida não apenas no momento presente, mas também por meio de pensamentos e sonhos, inserida em qualquer espaço essencialmente habitado. Oniricamente visitada, a casa constitui uma das maiores integrações para os pensamentos e sonhos do ser. Nela prevalecerão os valores de intimidade do espaço interior de seus narradores.

Estendendo a noção de casa apresentada por Bachelard ao quintal de dona Luísa, local onde vive a galinha Laura, notamos que habitar o espaço, na perspectiva do imaginário é semelhante ao fato de viver novas experiências, pois “o espaço compreendido pela imaginação não pode ficar sendo o espaço indiferente abandonado à reflexão do geômetra. É vivido. E é vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação”. (BACHELARD, 1976, p. 18).

Isso faz sentido se observarmos a presença de diversas aventuras ocorridas no quintal de Dona Luísa. Cabe destacar a presença repentina e malograda do “ladrão de galinhas” que chega para roubar Laura:

Uma bela noite... bela coisa nenhuma! Porque foi terrível. Um ladrão de galinhas tentou roubar Laura no escuro do quintal. Mas Laura fez uma barulheira tão tremenda que agitou todas as galinhas e elas começaram a cacarejar. [...] Dona Luísa acendeu as luzes da casa toda, acendeu as luzes do quintal e o ladrão teve tanto medo que fugiu. Dizem que até hoje ele anda correndo. (LISPECTOR, 1999, não paginado)

A linguagem, bastante próxima da oralidade somada à rapidez dos eventos resulta num efeito de sentido que transcende a narrativa, deixando o pensamento do leitor livre para criar. Assim, o quintal, ou seja, a parte mais livre da casa de Dona Luísa revela-se como o lugar em que o leitor poderá intensificar sua vida pelo imaginário: “a imaginação, em suas ações vivas, nos desliga ao mesmo tempo do passado e da realidade. Aponta para o futuro” (BACHELARD, 1976, p. 17).

Ao abordar a presença das paisagens nas obras literárias, Jacqueline Held destaca os lugares afetivos da infância, tais como certas casas, árvores-esconderijo e jardins. Segundo a estudiosa, há nestes espaços aspectos que “[...] alimentam o imaginário do homem, que desempenham papel decisivo em seu crescimento, elementos que envolvem a criança e que jamais cessam de envolver” (HELD, 1980, p. 78). Para Held “a paisagem imaginária reúne também os desejos e as nostalgias do leitor, criança ou adulto, em alguns casos”

(1980, p. 79). É desta forma que pensamos o quintal presente na narrativa de Clarice Lispector, como espaço interativo ao leitor, estimulante do imaginário. Abrigando a galinha Laura e as aventuras, o quintal propicia ao leitor mirim a capacidade de experimentar sensações, ter experiências que exigem imaginação para que ele se encontre e se reconheça.

Como Laura era conhecida pela qualidade de botar muitos ovos “em todo o galinheiro e mesmo no das vizinhanças” (LISPECTOR, 1999, não paginado), Dona Luísa a empresta a um quintal vizinho, em que ela se vê entre “galinhas desconhecidas” e sem o galo Luís, com quem era “casada”. Numa seqüência rápida e contínua, a narrativa logo traz a personagem no espaço do antigo quintal: “Depois tudo foi melhorando porque ela começou a arranjar amigas entre as galinhas e botou grande quantidade de ovos. Então voltou para o seu verdadeiro quintal”. (LISPECTOR, 1999, não paginado).

Neste sentido, as palavras de Bachelard são esclarecedoras no que tange à função de habitar: “Alojado por toda parte, mas sem estar preso a lugar algum, tal a divisa do sonhador de moradas. Na casa final como em minha casa real, o devaneio de habitar é enganado. É preciso sempre deixar aberto um devaneio de outro lugar.” (BACHELARD, 1976, p. 59)

Além de explorar a imaginação do leitor mirim por meio do espaço físico do quintal e da magia presente na personagem Laura, a autora mergulha o texto numa espécie de jogo pueril, numa profunda relação de cumplicidade: “Quando eu era do tamanho de você, ficava horas e horas olhando para as galinhas. Não sei por quê. Conheço tanto as galinhas que podia nunca mais parar de contar” (LISPECTOR, 1999, não paginado).

Por meio de uma linguagem aparentemente ingênua, porém repleta de criatividade, o narrador clariceano aproveita-se também para descortinar as armadilhas do pensamento lógico-racional do adulto, lançando ao leitor mirim um universo de incertezas:

Você sabe que Deus gosta de galinha? E sabe como é que eu sei que Ele gosta? É o seguinte: se Ele não gostasse de galinha, Ele simplesmente não fazia galinha no mundo. Deus gosta de você também senão Ele não fazia você. Mas por que faz ratos? Não sei. (LISPECTOR, 1999, não paginado)

As perguntas do narrador em torno dos animais revelam-se de forma intrigante na medida em que requerem a participação do leitor. Ao fazer parte da vida das crianças, os animais acabam por pertencer ao seu imaginário, mantendo uma boa identificação:

[...] frente ao mundo adulto que normaliza, onde todos se erigem em juiz, a criança encontra, no conto de animais, refúgio, desforra, pausa recreativa e compensadora que permitirá melhor enfrentar esse universo de regras que ela deverá assumir à medida de suas forças e à sua própria maneira. (HELD, 1980, p. 108)

Ao mencionar os ratos, *A vida íntima de Laura* aborda questões existenciais à criança, na medida em que levanta uma discussão. Ao observar os temas que rondam os textos de Clarice Lispector encontramos os mesmos traços instigantes presentes na obra para adultos, mais especificamente na escrita de *A paixão segundo G.H.*, em torno das espécies de animais. A personagem G.H. filosofa a respeito da criação e da existência de seres imundos de forma a mencionar a lista inventariada pela Bíblia em Levítico 11:13:

Eu me sentia imunda como a Bíblia fala dos imundos. Por que foi que a Bíblia se ocupou tanto dos imundos, e fez uma lista dos animais imundos e proibidos? Por que se, como os outros, também eles haviam sido criados? E por que o imundo era proibido? Eu fizera o ato proibido de tocar no que é imundo. (LISPECTOR, 1998, p. 71)

A produção adulta ecoa, portanto, na obra infantil. Ao mergulharmos na narrativa de *A vida íntima de Laura* é impossível não recordarmos ainda o conto Uma galinha, de *Laços de família* e O ovo e a galinha, de *Felicidade Clandestina*. Como uma espécie de simulacro de ingenuidade, a linguagem de Clarice Lispector desperta na obra infantil o gosto pela imaginação e pelo questionamento, de modo que “[...] a densidade filosófica notada na obra adulta é matizada, na infantil, por uma escrita que se diverte com o ato de narrar” (OLIVEIRA, 1998, p. 127).

A leitura da obra clariceana infantil apresenta-se propícia para ampliar o universo de significados do leitor. Neste sentido, recorreremos às considerações de Marisa Lajolo a respeito da leitura literária:

É à literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. (LAJOLO, 2008, p. 106)

Além do quintal, um outro espaço é abordado rapidamente na narrativa, trata-se da sala de jantar. Sem ser inteiramente descrito ou caracterizado, este espaço abriga o sentimento da descoberta da morte.

A galinha Laura, que “gostava muito de viver”, não hesita em colocar o bico na lama, lambuzar-se toda no quintal para que não terminasse em “molho pardo” e assim fosse salva da morte, quando então a confundem com Zeferina, a “prima de quarto grau”:

Laura ouviu tudo e sentiu medo. Se ela pensasse, pensaria assim: é muito melhor morrer sendo útil e gostosa para uma gente que sempre me tratou bem, essa gente por exemplo não me matou nenhuma vez. (A galinha é tão burra que não sabe que só se morre uma vez, ela pensa que todos os dias a gente morre uma vez). (LISPECTOR, 1999, não paginado)

E na hora do jantar, quando todos estavam sentados ao redor da mesa, Zeferina, prima de quarto de grau de Laura, apareceu numa travessa grande de prata, já toda em pedaços, alguns bem dourados. O filho e a filha de Dona Luísa, Lucinha e Carlinhos, comeram, embora com pena, Zeferina com arroz branco e solto e regaram tudo com molho pardo. (LISPECTOR, 1999, não paginado)

O narrador não oferece detalhes sobre os espaços desta sala de jantar. Bachelard atenta para o fato de que os desenhos vividos não necessitam ser exatos, basta que “sejam tonalizados pelo modo de ser do nosso espaço interno” (1976, p.27). A situação do “pitoresco excessivo” pode muitas vezes esconder a intimidade da casa. Esta repousa mais em uma evocação onírica do que na descrição conclusiva e minuciosa: “a casa vivida não é uma caixa inerte. O espaço habitado transcende o espaço geométrico” (BACHELARD, 1976, p. 49).

A sala de jantar, mesmo sem a riqueza de detalhes, delineia-se como o local que traz ao leitor o questionamento da morte. Na visão de Nádia Battella Gotlib (1995, p. 414), “vale observar o tom de leveza infantil para representar tais motivos de adultos”. É importante destacar o seguinte comentário do narrador, tecendo um questionamento existencial ao leitor mirim: “É engraçado gostar de galinha viva mas ao mesmo tempo também gostar de comer galinha ao molho pardo. É que pessoas são uma gente meio esquisitona” (LISPECTOR, 1999, não paginado).

O quintal de Dona Luísa ganha a visita de um ser de outra galáxia. Trata-se de Xext, o “habitante de Júpiter”, que escolhe Laura por esta não ser “quadrada”:

__ Por que você me escolheu para se apresentar?

__ Porque você não é quadrada.

Xext pronuncia-se Equzequte. É difícil, eu sei. Era mais fácil se se chamasse José ou Zequinha. (LISPECTOR, 1999, não paginado)

Para Bachelard, “o espaço chama a ação, e antes da ação a imaginação trabalha. Ela ceifa e lava” (1976, p. 27). Neste sentido, ativando a imaginação do leitor mirim a respeito desse ser espacial que surge no quintal de Dona Luísa, a autora possibilita, numa espécie de descoberta pueril, a renovação da linguagem, na medida em que joga com palavras diferentes: “Xext”, “Equzequte”. A leitura, assim destinada ao leitor mirim, insere-se no espaço lúdico da criação, uma vez que “a linguagem simbólica está muito próxima da criança, de sua capacidade de compreensão, pois corresponde a uma fase do desenvolvimento do seu raciocínio” (SANDRONI, 1987, p. 81).

Ao perguntar para Laura “como eram os humanos por dentro” o personagem Xext aponta para a questão existencial tão presente nos textos clariceanos, já que tem como resposta: “__Ah, cacarejou Laura, os humanos são muito complicados por dentro. Eles até se sentem obrigados a mentir, imagine só” (LISPECTOR, 1999, não paginado).

Conclusão

Por meio de uma situação inusitada e imaginária, a obra inova por provocar no leitor mirim uma reflexão a respeito dos seres, exigindo o raciocínio imagético.

Diferentemente dos finais clássicos da literatura infantil, a narrativa de *A vida íntima de Laura* apresenta o final em aberto através do pedido do narrador para que o leitor invente uma “história de galinha”: “Se você conhece alguma história de galinha, quero saber. Ou invente uma bem boazinha e me conte. Laura é bem vivinha” (LISPECTOR, 1999, não paginado).

Com um narrador consciente de sua relação com a linguagem e a construção de sua narrativa, esse final conduz o leitor a uma interpelação, de modo que continue a procurar um sentido no texto. Desta forma, o leitor adentra o espaço imaginário da narrativa, tornando-se peça chave para a construção da obra:

[...] o pequeno leitor é colocado diante de textos que deliberadamente escapam ao domínio de um saber sobre o mundo e o sujeito, daí os finais abertos de todas as narrativas, criando um espaço de comunicação com a linguagem que demonstra a mútua implicação entre a obra para crianças e a endereçada aos adultos da autora. (OLIVEIRA, 1998, p. 126)

Esse é o papel da narrativa clariceana, despertar no leitor a capacidade de criar, redirecionando a vida e os sonhos, pois “a imaginação, mais que a razão, é a força de unidade da alma humana”(BACHELARD, 2001, p. 153). Por meio do espaço do quintal, a narrativa de *A vida íntima de Laura* desperta na criança o imaginário, na medida em que traz aspectos simbólicos: “é no plano de devaneio e não no plano dos fatos que a infância permanece viva em nós e poeticamente útil” (BACHELARD, 1976, p. 29).

Voz que se faz ouvir em toda a obra clariceana, a criança experimenta em cada obra uma nova maneira de ver e pensar o mundo. Nesse sentido, Clarice Lispector ocupa um lugar proeminente na literatura infantil na medida em que engendra diferentes formas de imaginário.

Referências Bibliográficas:

ARÊAS, Vilma. Children’s Corner. In: *Clarice Lispector: com a ponta dos dedos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 109-129.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Tradução de Antônio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado Tijuca, 1976. (Coleção Quid).

_____. *O ar e os sonhos*. Tradução Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CANDIDO, Antonio. No raiar de Clarice Lispector. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970. p. 123-131.

GOTLIB, Nádia Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1995.

HELD, Jacqueline. *O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica*. 2 ed. Tradução de Carlos Rizzi. São Paulo: Summus, 1980. (Novas buscas em educação, v. 7).

PESSANHA, José Américo Motta. Clarice Lispector: o itinerário da paixão. *Remate de Males*, n.9, p. 181-198, 1989.

LAJOLO, Marisa. Tecendo a leitura. In: *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6.ed. São Paulo: Ática, 2008. p. 104-109.

LISPECTOR, Clarice. *A vida íntima de Laura*. Ilustrações de Flor Opazo. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

_____. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MANZO, Lícia. Clarice, crianças e animais. In: *Era uma vez: eu - a não-ficção na obra de Clarice Lispector*. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1997. p. 167-187.

SANDRONI, Laura. *De Lobato a Bojunga: as renações renovadas*. Rio de Janeiro: Agir, 1987.

OLIVEIRA, Rejane Pivetta de. Brincadeira de narrar. In: *Clarice Lispector: a narração do indizível/ Regina Zilberman et al.* Porto Alegre: Artes e Ofícios, EDIPUC, Instituto Cultural Judaico Marc Chagal, 1998. p. 105-128.